

# Cresce briga para dirigir Congresso

Começou a se articular uma conspiração contra a tradição que atribui ao partido majoritário na Câmara e no Senado o direito de indicar os candidatos a presidentes das duas Casas, numa composição em torno dos cargos das Mesas Diretoras. O senador Hugo Napoleão cogita formar bloco parlamentar no Senado para lançar o senador Marco Maciel candidato a presidente, enquanto na Câmara os primeiros passos são dados com o mesmo objetivo, embora existam várias nomes no PFL.

O deputado Gastone Righi, líder do PTB na Câmara, acha que um bloco parlamentar terá de ser articulado para dar sustentação ao governo, podendo lançar candidato a presidente da Câmara. No PFL são candidatos declarados o próprio líder, deputado Ricardo Fiúza, cujo nome não é encarado com simpatia no Planalto, o pernambucano Inocêncio de Oliveira e o mineiro Humberto Souto. Lançou-se candidato ainda o filho do ex-ministro Antonio Carlos Magalhães, Luiz Eduardo Magalhães, mesmo considerado "muito novo" pelo líder Amaral Netto.

Righi acha que ainda é cedo para fazer um prognóstico sobre a eleição para as presidências da Câmara e do Senado. "Não há elementos para conhecer a nova correlação de forças, dentro da Câmara, principalmente," dizia o líder do PTB, opinando que, provavelmente só em dezembro o quadro estará mais claro, a esse respeito.

— Mas, é preciso reconhecer que a articulação de um bloco de partidos para lançar candidato a presidente da Câmara não é uma idéia absurda. É uma possibilidade concreta — considerou Gastone Righi.

O deputado Ibsen Pinheiro, líder do PMDB na Câmara e cujo nome também é arrolado como um dos possíveis candidatos dentro do seu partido, acha perfeitamente justificável a articulação de um bloco parlamentar que tenha aspiração de permanência, mas julga estapafúrdia a idéia de sua estruturação apenas para apresentar um candidato à presidência da Câmara dos Deputados.

O deputado Amaral Netto lembrava um complicador: a formação do bloco parlamentar equivale à renúncia da maioria

dos líderes de bancadas em favor de um deles. "Muito certamente este será um obstáculo difícil de superar", dizia, em seu gabinete, ontem à tarde, revelando que foi convidado para uma conversa pelo líder do PFL, Ricardo Fiúza, ainda hoje, quando este tema deverá ser discutido.

Pela tradição, tanto na Câmara quanto no Senado, é o partido majoritário quem tem o direito de indicar o candidato à presidente. O PMDB deve conservar essa posição, acreditando seus principais líderes que venha para a Câmara com uma bancada de 115 deputados e para o Senado com uma de 25 a 26 senadores. Na Câmara, continua posta a candidatura do deputado Ulisses Guimarães, fortalecida com a idéia de lhe ser dada a presidência da Câmara como compensação pela perda da presidência do partido, que será entregue a Orestes Quêrcia.

O que complica o sonho de Ulysses em voltar à presidência da Câmara é a convicção generalizada entre líderes como Amaral Netto e Gastone Righi de que certamente o presidente Fernando Collor vai querer influir na escolha do sucessor do deputado Paes de Andrade, discretamente.

O deputado Gastone Righi avonta a hipótese de uma aliança PFL PSDB PTB PDS PCD PL PRN para lançar o candidato a presidente da Câmara e os demais cargos da Mesa naquela Casa. Esses partidos dariam mais de 280 deputados, a maioria absoluta na Câmara, número, portanto, suficiente para eleger o futuro presidente.

Quanto ao Senado, no PMDB existem as candidaturas já postas dos senadores Mauro Benevides (CE) e Márcio Lacerda (MT). Lacerda não chega a ser uma ameaça para Benevides. O maior competidor dele está fora do PMDB. No caso da formação de um bloco, além de Marco Maciel falam-se nos nomes dos senadores Fernando Henrique Cardoso e Jarbas Passarinho. Nas últimas horas, cresceu o rumor a favor da eleição do senador eleito José Sarney para a presidência da Casa. Trata-se de manobra dos senadores maranhenses, com pouca chance de êxito. Sarney chega à Casa e não é normal que seja eleito para a sua presidência.

